



## **EMBRANQUECIMENTO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: UM PARADOXO ENTRE APROPRIAÇÃO CULTURAL E RESISTÊNCIA**

Whitening of religions of African matrix: a paradox between cultural appropriation and  
resistance

**Victória Pedrazzi<sup>1</sup>**

**Mariele Cássia Boschetti Dal Forno<sup>2</sup>**

**Larissa Franco Vogt<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho objetiva abordar as possíveis formas de embranquecimento das religiões de matriz africana e como essa ferramenta é utilizada como biopoder da manifestação cultural e dos corpos pretos, e até mesmo da necessidade de desmistificação (e conseqüentemente desidentificação) do desconhecido, para então, assim, serem praticadas também por pessoas brancas. Como forma de resistência, as pessoas negras tiveram que adaptar-se para vencer a visão estigmatizada e manter as tradições. Nesse sentido, busca-se identificar que o embranquecimento da Umbanda e do Candomblé, no Brasil, também decorre da resistência da população negra, através do sincretismo religioso, para cultivar seus orixás e manifestarem-se de forma plena, sem (ao menos como forma de tentativa) censura ou preconceito. Assim, o presente artigo busca elucidar sobre essa ambigüidade entre apropriação cultural e resistência para livre manifestação da religião e da cultura.

**Palavras-chave:** Religião. Embranquecimento. Cultura.

**Abstract:** The present work aims to address the possible ways of whitening African-based religions and how this tool is used as a biopower of cultural manifestation and black bodies, and even the need for demystification (and consequently de-identification) of the unknown, so that, are also practiced by white people. As a form of resistance, black people had to adapt to overcome stigmatized views and maintain traditions. In this sense, we seek to identify that the whitening of Umbanda and Candomblé, in Brazil, also results from the resistance of the black population, through religious syncretism, to worship their orixás and express themselves fully, without (at least as a form of attempt) censorship or prejudice. Thus, this article seeks to

<sup>1</sup> Mestranda em Direitos Humanos no Programa de Pós-graduação em Direito da UNIJUÍ. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: pedrazzivictoria@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direitos Humanos da Unijui. Bolsistas Capes. E-mail: mariele.boschetti@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direitos Humanos da Unijui. Bolsistas Capes. E-mail: larissa.vogt@sou.unijui.br



elucidate this ambiguity between cultural appropriation and resistance to the free expression of religion and culture.

**Keywords:** Religion. Whitening. Culture.

## INTRODUÇÃO

A cultura brasileira tem muita influência da africana relacionada a culinária, danças, religiões, crenças, músicas e línguas. Durante a escravidão, o povo negro foi obrigado a deixar de lado suas crenças e hábitos pra servir aos seus senhores, mas utilizaram de seus conhecimentos como forma de resistência. As tranças nos cabelos das mulheres, escondia comida, bilhetes, entre outros. A capoeira, além de uma dança, é também uma luta. A culinária brasileira, assim como as roupas coloridas e floridas possuem origem africana.

As políticas de poder do Estado, as quais podem fazer viver ou deixar morrer deixam em evidencia os alvos dessa forma seletiva e estratégica de organização social desde o período escravagista, eles são sempre os mesmos (negros, mulheres, jovens, pobres, presos ou aqueles que possuem uma espiritualidade diferente da convencional), são esses os indivíduos que morrem diariamente nas mãos do Estado e da sociedade que foi mudando os rótulos, mas jamais suas formas de perseguição e destruição.

Compreende-se que o racismo em si é o primeiro grande desafio nas questões religiosas para os povos que possuem sua fé amparada em religiões de matriz africana, uma vez que, além de passar pelo preconceito simplesmente pela cor da pele, a qual difere do “padrão social”, essas pessoas ainda têm de suportar falas, gestos, olhares, julgamentos e atos violentos apenas por escolherem seguir a religião que lhe conforta e não aquela esperada pela sociedade.

Para tanto, propõe-se a apresentar algumas indagações as quais transparecem o preconceito e a discriminação sofrida por aqueles que escolhem uma religião diferente da convencional. Desta feita, o artigo foi construído tendo por problema de pesquisa a seguinte pergunta: quais são os reflexos históricos sociais



deixados pela estigmatização, racismo e aniquilação dos indivíduos adeptos às religiões de matriz africana? Como hipótese inicial, levando-se em consideração os dados levantados a partir de um conjunto de pesquisas realizadas sobre o tema na área do Direito e das Ciências Sociais, refletidas na bibliografia que dá sustentação ao presente estudo, torna-se possível afirmar que ainda existem fortes resistências histórico culturais quando o assunto é aceitar, enxergar e reconhecer as escolhas dos outros, sem interferir, denegrir ou isolar o indivíduo que não se assemelha com o que a sociedade espera.

Para dar concretude ao objetivo geral, os objetivos específicos do texto, que se refletem na sua estrutura em três seções, são: a) Realizar um resgate histórico cultural no que concerne aos indivíduos negros em nosso país, ressaltando o período escravagista e os preconceitos enfrentados por essa camada social; b) Compreender a relação entre racismo e a necropolítica, fazendo um recorte dessa forma de gestão dos indesejáveis com os sujeitos adeptos às religiões de matriz africana; c) Conhecer mais a respeito das religiões Umbanda e Candomblé, que são as religiões mais empregadas pelos povos de origem africana, mas, também estão ganhando espaço em todas as raças, pois, seus adeptos resistem aos mais diversos preconceitos e expressam sua espiritualidade.

Utilizou-se na pesquisa o método de abordagem hipotético-dedutivo, que compreende um conjunto de análises que partem das conjecturas formuladas para explicar as dificuldades encontradas para a solução de um determinado problema de pesquisa. Sua finalidade consiste em enunciar claramente o problema, examinando criticamente as soluções passíveis de aplicação.<sup>4</sup> Os procedimentos adotados envolvem a seleção da bibliografia que forma o referencial teórico deste estudo, sua identificação como produção científica relevante, leitura e reflexão, a fim de atingir possíveis respostas ao problema proposto. Nesse sentido, a pesquisa foi conduzida a partir de levantamento de produções científicas (livros, artigos científicos publicados

<sup>4</sup> MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. Barueri: Atlas, 2022.



em periódicos, relatórios de pesquisa, teses e dissertações) e legislação/regulação já existentes sobre a temática.

## DISCUSSÃO

### Resgate histórico e cultural

Considera-se a “descoberta” do Brasil, no dia 21 de abril de 1500, quando Pedro Álvares Cabral desembarcou com seus homens na costa baiana e de imediato, sem nenhum constrangimento, consideram-se donos das terras. A partir daí, a exploração e a escravidão de indígenas e africanos começa no Brasil. Refletir sobre a cultura negra é considerar as lógicas simbólicas construídas ao longo da história por um grupo sociocultural específico: os descendentes de africanos escravizados no Brasil.<sup>5</sup> De acordo com Zamparoni<sup>6</sup> o tráfico de escravos africanos, trouxe junto um acúmulo de culturas que se instalaram na sociedade brasileira

O Brasil é herdeiro cultural da África, porém, ainda hoje, o continente africano é mal visto pela maior parte da sociedade, como sendo uma terra selvagem, rodeada de miséria. Essa imagem da África foi gestada na Europa e tomou corpo no Brasil, através de uma amnésia coletiva. Os afrodescendentes sempre foram retratados como inferiores, tendo sua cultura negada ficando à margem das vantagens sociais; foram negados e menosprezados em todas as partes do mundo e suas culturas foram rotuladas de primitivas e atrasadas<sup>7</sup>. O trabalho escravo existiu no Brasil devido a transição do regime feudal para o capitalista, ocorrida na segunda metade do século

<sup>5</sup> GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/ago. 2003. p. 78.

<sup>6</sup> ZAMPARONI, Valdemir. A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. **Ciência e Cultura**, [S.l.], v. 59, n. 2, p. 46-49, 2007. p. 46-47.

<sup>7</sup> VIEIRA, Lílian Cavalcanti Fernandes. O pensamento de matriz africana e sua influência no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 239-244, 2011. p. 240-241.



XV, sendo preciso a manutenção da burguesia mercantil por meio da exploração das colônias<sup>8</sup>.

A abolição da escravatura ocorreu em 1888 e, no ano seguinte instalou-se a República, diante dessa mudança se fez necessário pensar uma nova identidade nacional, incluindo o ex escravizados que se tornaram cidadãos; porém, essa nova identidade se afirma na diferença e superioridade branca; apenas nos dias atuais que está sendo incluso nas universidades os estudos sobre as culturas africanas. Foi no I Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, no ano de 1934 e na sua segunda edição no ano de 1937 em Salvador, que se colocou a questão negra em discussão, a constituição da imagem de um povo brasileiro.

O Brasil afastou-se da África após o golpe militar no ano de 1964, voltando a subordinar sua política externa africana aos interesses colonialistas portugueses. Após o Ato Institucional nº 5, os militantes portugueses e africanos que foram exilados do país, foram perseguidos e aprisionados. “Mas, aos poucos, nos anos 1970 com a expansão da luta armada nas então colônias portuguesas, a África voltou à cena, agora não mais restrita aos meios acadêmicos, mas como uma nova força na constituição identitária brasileira em particular entre a comunidade negra”<sup>9</sup>.

A cultura do povo africano, ou seja, a cultura negra, conforme Gomes<sup>10</sup>, possibilita a constituição de um grupo e o pertencimento a um grupo, a uma história e de uma identidade (que tentaram apagar durante o sistema escravocrata no Brasil). Isso diz respeito a uma consciência cultural a partir da estética, da musicalidade, da religiosidade e crenças variadas, da corporeidade e da vivência desse povo que foi marcada por um processo de recriação cultural. Esse pertencimento, possibilita ao negro o posicionamento diante do outro.

<sup>8</sup> SOUZA, Izabel Cristina de; GUAISTI, Maria C. Figueiredo Aguiar. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO*, 41., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO; UFRJ; UFF, 2018. p. 3.

<sup>9</sup> ZAMPARONI, 2007, p. 47-48.

<sup>10</sup> GOMES, 2003, p. 79.



O corpo pode simbolizar diferentes identidades sociais, extrapolando a dimensão do indivíduo e da pessoa. Nenhum outro animal transforma voluntariamente o próprio corpo. Essa é uma característica dos seres humanos. As transformações que os homens imprimem ao corpo, além de variarem de acordo com cada cultura, também acontecem conforme a especificidade dos segmentos sociais no interior de um mesmo grupo. Por isso a forma de manipular o corpo, os sinais nele impressos e o tipo de penteado podem significar hierarquia, idade, símbolo de status, de poder e de realeza entre sujeitos de um mesmo grupo cultural ou entre diferentes grupos. Assim, o corpo pode simbolizar aquilo que uma sociedade deseja ser, assim como o que se deseja negar.<sup>11</sup>

Desde a escravidão, as moradias dos negros eram utilizadas, além de residência, para festas religiosas e na construção de altares sagrados. O uso do mesmo espaço foi uma característica devido ao preconceito e a proibição de cultuar com suas próprias crenças, mas essa característica foi mantida até os dias atuais<sup>12</sup>. Como era proibido cultuar sua religião, a população africana encontrou no sincretismo com o catolicismo uma forma de preservar as suas tradições. A religião afro-brasileira normalmente cultua os orixás, deuses das nações africanas, também dotados de sentimentos humanos<sup>13</sup>.

O candomblé chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Ocidental. Sofreu grande repressão dos colonizadores portugueses, que o consideravam feitiçaria. Para sobreviver às perseguições, os adeptos passaram a associar os orixás aos santos católicos, no sincretismo religioso. Por exemplo, Iemanjá é associada à Nossa Senhora da Conceição; Iansã, a Santa Bárbara, etc.<sup>14</sup>

A música na cultura africana é muito utilizada também na religião, como no Candomblé, que se espalhou por todo o país. No Rio Grande do Sul e na Amazônia, eles passaram a ser conhecidos por batuque. No Maranhão, são designados de Tambor de Mina. Em Pernambuco, Sergipe e Alagoas, tais cultos são conhecidos simplesmente por Xangôs<sup>15</sup>. Essa musicalidade deu origem a ritmos que hoje são a

<sup>11</sup> GOMES, 2003, p. 79.

<sup>12</sup> DOMINGUES, Petronio. Uma Cultura de Matriz Africana em São Paulo: O Terreiro de Candomblé Ile Iya Osun Muiywa. **Projeto História**, São Paulo, v. 28, p. 283-302, jun. 2004. p. 292.

<sup>13</sup> SOUZA; GUAISTI, 2018, p. 10.

<sup>14</sup> SOUZA; GUAISTI, 2018, p. 10-11.

<sup>15</sup> DOMINGUES, 2004, p. 285.



base de grande parte das músicas brasileiras. Gêneros musicais como samba, bossa nova, maxixe, entre outros, são de influência africana, assim como instrumentos, por exemplo, o berimbau, utilizado na capoeira; a capoeira apresenta-se hoje como um conjunto de arte marcial, esporte, dança e luta. Segundo Souza e Guasti<sup>16</sup>, no passado, a dança, hoje conhecida como capoeira, era proibida entre os africanos por ser considerada uma expressão de revolta contra a escravidão e ao tratamento violento que eram submetidos. Assim, passaram a praticar a dança em terrenos de mata mais rala, conhecidas como capoeiras, daí derivado o nome da arte.

A história nos mostra que o samba se originou ao som dos atabaques de Candomblé. As escolas de samba sempre preservaram essa ligação ao fazerem enredos com referência às entidades e divindades da cultura afro-brasileira. Em 1969, por exemplo, o Salgueiro inovou quando colocou na avenida o enredo 'Bahia de Todos os Deuses' que exaltava a importância da Bahia como o primeiro berço da cultura afro e a força da sua religiosidade.<sup>17</sup>

Além disso, a culinária brasileira possui muita ascendência africana, especialmente na Bahia. Souza e Guasti<sup>18</sup> apresentam um resgate histórico onde o dendê trazido pelos portugueses, era extraído de uma palmeira africana, e dava origem ao azeite de dendê. Para os portugueses, era utilizado para queimar lamparinas e iluminar as noites, porém, as mucamas (escravas negras de estimação que auxiliavam nas tarefas domésticas ou acompanhavam pessoas da família, principalmente as sinhás-donas), utilizavam o azeite de dendê em vários pratos realizados até hoje, como vatapá, acarajé, entre outros. As escravas também introduziram novas técnicas de preparar os alimentos e adaptaram hábitos culinários africanos aos ingredientes disponíveis no Brasil, dando origem ao angu, cuscuz, pamonha e feijoada, sendo esta última, criada nas senzalas e feita com as sobras de carnes das refeições dos seus senhores.

<sup>16</sup> SOUZA; GUASTI, 2018, p. 4-5.

<sup>17</sup> SOUZA; GUASTI, 2018, p. 11.

<sup>18</sup> SOUZA; GUASTI, 2018, p. 12.



No Brasil, na data de 20 de novembro, é celebrada o Dia da consciência negra, com o objetivo de refletir sobre a inclusão dos negros na sociedade brasileira. A escolha da data se deu devido a morte de Zumbi dos Palmares quando este lutava pela liberdade do seu povo, no Brasil em 1695<sup>19</sup>.

Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, foi um personagem que dedicou a sua vida lutando contra a escravatura no período do Brasil Colonial, onde os escravos começaram a ser introduzidos por volta de 1594. Um quilombo é uma região que tinha como função lutar contra as doutrinas escravistas e também de conservar elementos da cultura africana no Brasil.<sup>20</sup>

A cultura se constitui e nasce a partir das vivências dos sujeitos, existindo uma versatilidade na forma de entender a sociedade, o mundo, as particularidades e as semelhanças construídas pelo ser humano durante todo o processo histórico e cultural. Além disso, o mesmo autor demonstra que todo esse processo é inventado pela cultura e a natureza das coisas é interpretada pela cultura; assim se entra no domínio simbólico e no campo que foram construídas as diferenças étnicas e raciais. Contemporaneamente, quando se pesquisa e se discute sobre a questão racial, parte-se do ponto de vista político e social, resignificando todo o contexto histórico. A partir disso, compreende-se que a discussão sobre racismo, cultura negra e raça nas escolas e nas ciências sociais é um debate político, pois não politizar a cultura negra, é cair no racismo e no mito da democracia racial<sup>21</sup>.

### **Racismo e necropolítica: um recorte dentro das religiões de matriz africana**

Na contemporaneidade pode-se perceber a existência das políticas de negociação dos direitos e garantias fundamentais previstos em nosso ordenamento jurídico, isso porque, qualquer direito pode ser suspenso ou passar despercebido conforme a vontade do Estado e da sociedade de isolar, descartar, invalidar e segregar certas camadas sociais, na tentativa audaciosa e, na maioria das vezes,

<sup>19</sup> SOUZA; GUAISTI, 2018, p. 12.

<sup>20</sup> SOUZA; GUAISTI, 2018, p. 12-13.

<sup>21</sup> GOMES, 2003, p. 75-78.



eficaz de inculcar a ideia de que é preciso “deixar de lado” as prerrogativas de certos segmentos sociais.

A fim de compreender melhor como a Necropolítica atua nas questões raciais e religiosas faz-se necessário fazer um resgate da Biopolítica de Michel Foucault<sup>22</sup>, que se apresenta como a forma de gerir e conduzir as formas de vida na sociedade neoliberal, com intuito de exercer o poder e controlar politicamente os corpos. Por isso, entende-se que esta passagem do Biopoder para o Necropoder culminou na determinação de quais as raças e religiões que devem ocupar ou não posição de destaque na sociedade, uma vez que, a mistura dessas duas maneiras de gestão social determina qual a cor, sexo, religião, idade, gênero e condição social que mais vale no seio social.

Nessa passagem entre as políticas de vida (Biopolítica de Foucault século XX) e morte (Necropolítica de Mbembe século XXI) existe uma zona conflituosa, na medida em que o Estado começa a deixar evidente a intenção de selecionar as vidas que importam e as que não importam por meio da escolha dos corpos desejáveis e indesejáveis para ocupar os espaços públicos. Portanto, a ideia de punir, segregar e inviabilizar a partir das políticas de cunho racista ganhou ênfase na obra do escritor Mbembe<sup>23</sup>, pois ele considera o racismo como a materialização do poder de matar que acontece por meio do Estado, o qual viola os direitos humanos, tornando essa atitude um mal necessário, assim, a discriminação torna-se eficaz, com o objetivo de potencializar a vida daqueles que são “mais” merecedores de direitos e os que não são.

É notório que as pessoas que têm sua religião amparada em matrizes africanas, são, em sua maioria, negras. Logo, é de se esperar que essas camadas desde sempre resistissem por um reconhecimento e espaço na sociedade, que,

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

<sup>23</sup> MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2022.



infelizmente até hoje não conseguiram pela dura realidade da dupla objetificação, punição, inviabilização, estigmatização e violações de direitos. De acordo com Iannini<sup>24</sup>, “Não é preciso que o Estado mate; basta que ele deixe morrer ou deixe matar. Ou ainda: que deixe que se matem uns aos outros”. É isso que se observa nos casos em que o indivíduo escolhe “se desviar” das religiões convencionais, pois, além de sentir literalmente na pele o peso da sua cor, precisa defender sua opção religiosa e resistir às estratégias necropolíticas que buscam a todo custo apagar as formas de existência “não usuais.”

Diante de inúmeros episódios racistas que ocorrem todos os dias com quem escolhe uma religião diferente da convencional (católica ou evangélica), por exemplo, entende-se, que a morte física para estas comunidades religiosas é apenas uma etapa de uma série de desumanidades que os acompanharam desde a cor da pele até a escolha de sua espiritualidade. Por essas e outras, não é de se espantar que as pessoas adeptas às religiões de matriz africana se sentem invisíveis na sociedade, uma vez que, suas escolhas pouco importam e quando tem alguma relevância é para serem atingidas pelos mais variados preconceitos religiosos, que retira gradativamente as camadas de proteção desses povos.

Nas palavras de Mbembe<sup>25</sup> em um país que ainda guarda muito de suas raízes coloniais, a suspensão de direitos e garantias é uma realidade. O referido autor<sup>26</sup> também aprofunda seus estudos sobre a necropolítica, delineando formas de soberania cujo projeto central não está fundado na luta pela autonomia, mas, sim, na instrumentalização generalizada da existência humana e destruição material de corpos humanos e populações.

Não é incomum observar espaços que podem ou não ser frequentados por determinadas religiões, como se o território pudesse ser ocupado apenas por quem é

<sup>24</sup> IANNINI, Gilson. “Psicanálise: a necropolítica pelo avesso”. **Revista Cult**, São Paulo, ano 25, n. 288, p. 14-17, 2022. p. 16.

<sup>25</sup> MBEMBE, Achille. **As Políticas da Inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

<sup>26</sup> MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 jul. 2023.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



merecedor de pisar nele. Nesse quesito, vemos que não há uma abertura para povos que cultuam religiões africanas em locais públicos, tendo que, muitas vezes, se esconder em seus terreiros, a fim de se protegerem dos atos violentos, falas preconceituosas, olhares de julgamento e desrespeito com sua opção espiritual.

Tanto é verdade, que pelo medo de serem alvos de tamanhas atrocidades esses povos não se manifestam sobre sua escolha religiosa, diferente da situação dos católicos e evangélicos, por exemplo, que sempre estão promovendo atividades de cunho espiritual em locais públicos como praças, escolas, hospitais, e nas ruas quando fazem suas passeatas religiosas e falam de sua fé para todos que quiserem ouvir. Logo, percebe-se que esta limitação espacial também é uma grande barreira para os povos de matrizes africanas, pois no menor sinal de professarem sua fé em locais considerados inapropriados rapidamente recebem um não como resposta e um discurso de exclusão, ódio, preconceito e não pertencimento, fazendo com que os adeptos às religiões de matrizes africanas se sintam verdadeiros peixes fora d'água quando precisam sair da rota tradicional casa/trabalho/terreiro.

Muitas dessas pessoas que cultuam as religiões africanas já passaram por situações impiedosas, como a da pessoa que não aceita a escolha religiosa e joga sal grosso ou enxofre no terreiro ou até mesmo quando ateiaram fogo nesse local que é considerado sagrado para quem pratica tal religião. Tais situações só confirmam a grandiosidade da intolerância religiosa e a dificuldade de expressar crenças diferentes da usuais em nosso país.

Os relatos dos adeptos do candomblé e da umbanda, que são as religiões “mais conhecidas” em nosso país é revestido de medo, desespero, decepção, aflição e tristeza por precisarem autodeclarar sua religião dia a dia e por isso serem vítimas de atitudes insanas daqueles que se dizem “normais”. Assim, esses povos enfrentam sensações de inquietude e desprezo, as quais são trazidas pela autora Mota:

Muitas acusações assolam as comunidades de terreiro atualmente, que chegam a fechar casas das religiões de matrizes africanas sob a alegação de perturbação do sossego, poluição sonora, poluição ambiental e maus-tratos



a animais, casos de cobrança de impostos. Verifica-se que ainda que exista uma legislação que 'ampara' as religiões de matrizes africanas, outras formas de operação do racismo de estado encontram formatos de acusações que tornam a inviabilizar a existência dos terreiros. É o uso funcional de categorias de que falou Catherine Walsh (2009) que não tencionam as estruturas racializadas e as assimetrias sociais. É também uma das formas de decidir quem o Estado deixa viver ou faz morrer.<sup>27</sup>

A necropolítica nestes casos fica evidente porque ela passa da morte do corpo para a morte da alma, do querer, da vontade, da expressão do livre arbítrio, logo, esta política tolhe todo e qualquer sujeito que não está nos padrões esperados e visa, sim, mesmo que de forma disfarçada uma sociedade do extermínio. Por essas e outras que povos marginalizados não possuem lugar e pertencimento nesta nova era social, pois, é mais fácil silenciar do que expressar. Outro ponto que escancara o preconceito com as religiões africanas é que elas estão sempre abertas a acolher todo e qualquer indivíduo seja ele no padrão esperado ou fora dele como é o caso dos homossexuais, travestis, bissexuais, transsexuais, assexuais, intersexo, pansexual, queer, não binária entre outras opções sexuais que muito procuram essas religiões por se sentirem verdadeiramente vistos, reconhecidos e amados nestes locais, onde eles podem expressar sua religiosidade e não serem vítimas de mais um julgamento.

Quando se fala em pessoas não heterossexuais é possível perceber o quanto ainda falta reconhecer o outro como um corpo que possui o direito de ir e vir, de escolher que opção lhe convém ou que religião lhe conforta, pois, infelizmente o que predomina é o menosprezo com o outro que não pensa, age, fala, expressa e vive como o homem, heterossexual, branco, rico, graduado e pai de família. Assim, é necessário olhar para estas religiões como uma escolha a liberdade de expressão e não de opressão, também que os sujeitos possam pensar no outro e em seus sentimentos, que se possa respeitar as preferências de cada um, sejam elas agradáveis e padronizadas socialmente ou não, por fim, é imprescindível que se

<sup>27</sup> MOTA, Emília Guimarães. Diálogos Sobre Religiões de Matrizes Africanas: Racismo Religioso e História. **Revista Calundu**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 23-48, jan./jun. 2018. p. 40. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i1.9543>.



expandem as religiões matrizes africanas, a fim de entender que a cor da pele não é sinônimo de estigma e morte.

### **Umbanda e Candomblé: resistência e expressões**

A expressão cultural em um país extremamente racista, vai justamente a favor do que busca ser pesquisado com o referido debate sobre a resistência e o embranquecimento de religiões de matriz africana no Brasil. Importante resgatar a trajetória das religiões de matrizes africanas, marcadas especialmente por violência e descredibilidade. Segundo Mundicarmo Ferretti,

Observando a trajetória das religiões de matrizes africanas no Brasil, o que se percebe é um rastro de violências por parte do Estado e da sociedade de modo geral. Primeiro, não as reconhecendo sequer como religiões, depois, criminalizando suas práticas. O fato de organizarem sua devoção de forma diferente do que se espera pelo mundo branco e ocidental é visto como anomalia.<sup>28</sup>

E dessa forma, o embranquecimento, em que pese também possa significar a incidência de mais pessoas brancas cultuando orixás, o que de fato é um dado importante, também significa questionar ações e mecanismos que buscam “desidentificar” as expressões afro enraizadas, para então, “higienizar” tais religiões, introjetando expressões de fé “aceitável” de se praticar às pessoas brancas, o que se pode chamar de introdução da *branquitude*. Segundo Frankenberg<sup>29</sup>, o “sufixo nominal do termo branquitude designa a ideia de que é um estado, uma qualidade ou uma instância do ser.” nesse sentido, “a branquitude age ‘através e nas relações de poder,

<sup>28</sup> MUNDICARMO FERRETTI, 2002 *apud* PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Racismo religioso e ideologia do branqueamento no Brasil. **Kwanissa**, São Luís, v. 2, n. 4, p. 59-76, jul./dez. 2019. p. 62. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/11434>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>29</sup> FRANKENBERG, 1999 *apud* FRANÇA, Jonas. Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no candomblé: identidades, espaços e responsabilidades. **Revista Calundu**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 55-81, jul./dez. 2018. p. 57. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.15706>.



produzindo violências sociais e epistemológicas’.”<sup>30</sup> Ainda, segundo dados do IBGE de 2010:

pretos e pardos constituem 54% dos evangélicos no país. De acordo com os mesmos dados, dos 167.363 praticantes declarados do candomblé, 30,2% são brancos, 29,1% são pretos e 39,3%, pardos. Na capital do estado de São Paulo, por exemplo, uma pesquisa da Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial apontou que 60,6% dos seguidores das religiões afro-ameríndias brasileiras são brancos, enquanto os pretos representam 13,1% e os pardos, 25,5%.<sup>31</sup>

Isso significa que, não é apenas o fato de que as pessoas brancas sejam identificadas praticamente como protagonistas das religiões brasileiras, sejam elas de origem cristã ou não, mas também o fato de que essa posição social representa que essas pessoas, inconscientemente ou não, acabam levando seus traços de fé ao ambiente que frequentam. Torna-se

uma ferramenta sofisticada por meio da qual as segregações produzidas pela cisão racial das sociedades se reproduzem, muitas vezes de forma silenciosa, embora também opere com lógicas explícitas. A prova disto é que, mesmo em terreiros totalmente ou predominantemente compostos por indivíduos negros também pode se verificar, em um momento ou em outro, a operação de mecanismos sutis da branquitude como força intrometida, ou seja, práticas e comportamentos moldados pelas estruturas históricas racistas da sociedade. Isto nos leva a reconsiderar e questionar a noção, que nos parece naturalizada e indiscutível, de que o fenômeno de entrada de brancos nos candomblés e o ingresso da branquitude nestas comunidades são sinônimos, movimentos intrínsecos e inseparáveis.<sup>32</sup>

Cumpramos observar que “os terreiros de candomblé não são apenas espaços religiosos, mas representam um microcosmo de múltiplas referências culturais [...]”<sup>33</sup>. Dessa forma, não significa apenas expressões religiosas que estão em pauta e na mira da branquitude, mas “um complexo sistema social, filosófico, intelectual, medicinal, musical, ambiental e religioso de conhecimentos compartilhados em um

<sup>30</sup> CARDOSO, 2017 *apud* FRANÇA, 2018, p. 57.

<sup>31</sup> IBGE, 2010 *apud* FRANÇA, 2018, p. 56.

<sup>32</sup> FRANÇA, 2018, p. 58.

<sup>33</sup> FRANÇA, 2018, p. 60.



processo de educação vivencial.”<sup>34</sup>. A intromissão da branquitude não necessariamente versa sobre o ingresso de pessoas brancas nas religiões de matriz africana, o que na verdade, pode ser muito válido, tendo em vista a visibilidade e aceitação social que isso causa. No entanto,

[...] o que traz complicações para as religiosidades e espaços afro-ameríndios brasileiros é, portanto, a atuação de indivíduos – de pele branca ou negra – que fecham seus olhos para suas responsabilidades ao adentrarem os terreiros; indivíduos que, ao se iniciarem, trabalham em favor da colonização destes espaços com pressupostos segregacionistas e alienados em favor da branquitude.<sup>35</sup>

Observa-se que, além do embranquecimento das religiões de matriz africana, o sincretismo se tornou uma estratégia de sobrevivência e de resistência. Nesse sentido,

as religiões afro-brasileiras ainda carregam os efeitos de sua interação com outras tradições religiosas, especialmente do Catolicismo. Os Voduns e Orixás foram justapostos com os santos católicos e o interior dos terreiros possuía numerosos elementos católicos, incluindo e estátuas de santos, enquanto os objetos religiosos africanos eram escondidos. As religiões afro-brasileiras eram proibidas, e os terreiros eram frequentemente visitados pela polícia. Por isso seus praticantes deviam sempre buscar caminhos para fortalecer a aparência católica dos Orixás e dos terreiros.<sup>36</sup>

Foi necessário esse sincretismo religioso, especialmente, com o espiritismo e com o catolicismo para “legitimar a Umbanda como uma religião original e evoluída, os participantes procuraram cortá-la de suas raízes Afro-brasileiras.”<sup>37</sup> Esse embranquecimento ainda ocorre, por exemplo, quando popularmente são produzidas imagens de devoção de Pretos Velhos brancos a serem comercializadas, sendo que,

<sup>34</sup> FRANÇA, 2018, p. 61.

<sup>35</sup> FRANÇA, 2018, p. 69.

<sup>36</sup> JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. Trad. Maria Filomena Mecabô. **Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], n. 1, p. 1-21, 2001. p. 3. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_jensen.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>37</sup> JENSEN, 2001, p. 9.



historicamente e pela doutrina da Umbanda e Candomblé, eram espíritos de pessoas negras escravizadas.

Atualmente, em que pese o racismo religioso ainda seja predominantemente palpável no Brasil, há um movimento significativo de resgate dessas raízes Afro-brasileiras. Dessa forma, “os terreiros, símbolos de existência e resistência política, social e religiosa, funcionam como espaços sagrados, os quais guardam na memória de seus integrantes, histórias de luta contra a opressão racial.”<sup>38</sup> O resgate de tradições e ancestralidades é importante e contribui para a construção de um sentimento de orgulho sobre a história e origem das religiões de matrizes africanas, aspectos que foram ensinados a desconhecer ou rejeitar. A desconstrução, ou melhor, reconstrução de espaços de pertencimento religioso, significa também a construção de espaços de emancipação e de liberdade da população negra.

## CONCLUSÃO

A partir dos objetivos propostos pelo artigo, buscou-se um resgate histórico e cultural da negritude, que teve seu início no Brasil colônia com a exploração de trabalho e o tráfico de africanos. Juntamente com eles, suas culturas vieram junto formando o que hoje conhecemos como identidade brasileira. As músicas, danças, culinária, idioma, roupas, lutas e religiões possuem origem africana e fizeram do Brasil, um país diversificado. Nesse sentido,

O corpo branco permanece confortavelmente vestido com os privilégios que lhe são concedidos. Em meu entendimento, iniciar-se no culto, vestir seus fios de conta e manifestar seus santos não enegrece a pessoa branca pois o enegrecimento transcende a espiritualidade. Em tempo: uma pessoa de pele clara, usando sua roupa branca e suas insígnias na rua, não sofrerá uma parcela sequer dos ataques e ofensivas aos quais uma pessoa de pele escura estará exposta ao portar-se da mesma forma.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> PEREIRA, 2019, p. 73.

<sup>39</sup> FRANÇA, 2018, p. 74.



O racismo estrutural, através das suas formas simbólicas, exclui e violenta a população negra, agredindo sua crença e sua cultura. O racismo está tão incorporado na realidade brasileira que adentra as instituições privadas e públicas, sendo tratado como algo “normal” e caminhando juntamente com a necropolítica. Porém, ainda que a cultura negra tenha encontrado e ainda encontra dificuldades, cada dia mais, existe um resgate histórico-cultural e pesquisas relacionadas ao tema, tanto nas escolas quanto dentro de universidades, pois esse resgate é de extrema importância, contribuindo para a riqueza das diversidades culturais e religiosas que existem no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- DOMINGUES, Petronio. Uma Cultura de Matriz Africana em São Paulo: O Terreiro de Candomblé Ile Iya Osun Muiywa. **Projeto História**, São Paulo, v. 28, p. 283-302, jun. 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Lúcia M. Pondé Vassallo. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- FRANÇA, Jonas. Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no candomblé: identidades, espaços e responsabilidades. **Revista Calundu**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 55-81, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.15706>.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/ago. 2003.
- IANNINI, Gilson. “Psicanálise: a necropolítica pelo avesso”. **Revista Cult**, São Paulo, ano 25, n. 288, p. 14-17, 2022.
- JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. Trad. Maria Filomena Mecabô. **Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], n. 1, p. 1-21, 2001. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_jensen.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. Barueri: Atlas, 2022.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MBEMBE, Achille. **As Políticas da Inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MOTA, Emília Guimarães. Diálogos Sobre Religiões de Matrizes Africanas: Racismo Religioso e História. **Revista Calundu**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 23-48, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i1.9543>.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Racismo religioso e ideologia do branqueamento no Brasil. **Kwanissa**, São Luís, v. 2, n. 4, p. 59-76, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/11434>. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA, Izabel Cristina de; GUAISTI, Maria C. Figueiredo Aguiar. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 41., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO; UFRJ; UFF, 2018.

VIEIRA, Lílian Cavalcanti Fernandes. O pensamento de matriz africana e sua influência no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 239-244, 2011.

ZAMPARONI, Valdemir. A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. **Ciência e Cultura**, [S.l.], v. 59, n. 2, p. 46-49, 2007.